



Encontro
da Rede **10^o**
de Estudos Rurais

**“Terra, Fome e Poder:
Desafios para o rural contemporâneo”.**

27 a 31 de Agosto de 2023, UFSCar, São Carlos - SP

UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO EM AGROECOLOGIA JUNTO AO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

Giovanna Maria Travinski de Almeida¹
Kamilla Schreiber²
Bruna Bronoski³

GT 02: Mediadores em conflitos sociojurídicos no campo: assessorias, extensão rural e pesquisa-ação.

RESUMO

Este trabalho pretende retratar um projeto de extensão, ainda em curso, denominado “Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental”. O projeto foi construído na articulação entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e os movimentos sociais organizados, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), reunindo um conjunto de práticas de ensino e aprendizado, através do debate sobre a segurança alimentar e a justiça ambiental, para promover o desenvolvimento de uma percepção crítica sobre a relação entre o mundo rural e urbano. Entre os objetivos do projeto destaca-se a vivência em um campo de experiências de resistência e transformação da realidade, focada na ação “Marmidas da Terra”, orientado para setores subalternizados da região metropolitana de Curitiba, como um instrumento pedagógico na formação de pesquisadores. Nesse sentido, através de mutirões da reforma agrária, pretendemos que o corpo discente possa participar de espaços a partir dos quais possam emergir simultaneamente problemas acadêmicos e novos conhecimentos sensoriais.

Palavras-chave: agroecologia, extensão universitária, MST, sociologia ambiental

INTRODUÇÃO

Em abril de 2023 iniciamos as atividades do projeto de extensão Oficinas de

1 Universidade Federal do Paraná (UFPR), giovanna.almeida@ufpr.br

2 Universidade Federal do Paraná (UFPR), kamillaschreiber@ufpr.br.

3 Universidade Federal do Paraná (UFPR), brunabronosky@ufpr.br.

Agroecologia e Sociologia Ambiental, sob coordenação do Observatório de Conflitos Socioambientais (OCSA), núcleo de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Trata-se de uma parceria construída em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fruto de uma experiência e prática de mutirões em assentamentos da reforma agrária no Paraná durante a pandemia da Covid-19.

A ideia dessa ação tem origem nas experiências de resistência e transformação da realidade, focada na ação “Marmitas da Terra”, orientado para setores subalternizados da região metropolitana de Curitiba, como um instrumento pedagógico na formação de pesquisadores. Entre os objetivos das atividades de extensão, destacamos a integração entre projetos de pesquisa de programas de pós-graduação com práticas de iniciação científica na graduação; a construção de espaços de troca de saberes e experiências num ambiente não hierárquico de ensino/aprendizagem; e a criação de um campo de experiências de resistência e transformação da realidade, vivenciada por setores subalternizados, como um instrumento pedagógico na formação de pesquisadores. Além disso, as atividades permitem aos estudantes de graduação da UFPR adquirirem uma carga horária obrigatória de formação, além do vínculo às disciplinas de metodologia, ruralidade e meio ambiente, oferecidas pelo Departamento de Sociologia (Deciso).

As ações de extensão ocorreram no primeiro semestre de 2023, tanto dentro do espaço acadêmico, no campus Reitoria (UFPR) em Curitiba, e, externamente, no Assentamento do Contestado, que é organizado pelo MST e localizado no município da Lapa, no interior do Paraná.

O projeto alia um espaço de discussão teórica em sala de aula, onde se fazem exposição e debates de temas relacionados a agroecologia, mudanças climáticas, educação e sociologia rural e ambiental, ao trabalho prático de técnicas de plantio e manejo da terra de forma agroecológica nas hortas do MST. Nesse sentido, através de mutirões da reforma agrária, pretendemos que o corpo discente possa construir problemas acadêmicos a partir de novos conhecimentos sensoriais. Ainda que se trate de um trabalho em estágio inicial já podemos obter algumas reflexões sobre as primeiras impressões que essa comunicação entre universidade e movimento social desperta nos acadêmicos voluntários do projeto.

Este trabalho se divide em três partes. Na primeira delas discutiremos as metodologias de extensão universitária na área rural. Dialogaremos com as ideias de autores das ciências humanas a fim de debater o papel da universidade com movimentos sociais organizados e mover um novo olhar ao método tradicional de extensão universitária. Em seguida traremos ao leitor informações sobre o movimento social que é nosso principal parceiro no projeto, o MST, e como nosso trabalho universitário se desenvolve junto às atividades do movimento.

Por fim, abordaremos a experiência que tivemos nessa fase inicial do projeto de Extensão Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental, com foco nas primeiras percepções que os alunos voluntários relataram após o trabalho de campo em horta comunitário em assentamento do MST.

DESENVOLVIMENTO

1. METODOLOGIA

A metodologia do projeto de extensão Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental é inspirada na forma como Paulo Freire (1983) critica a extensão convencional, prática que transforma o sujeito num mero “depósito” de um conhecimento acadêmico, portanto “superior” ao que está habituado em sua vida cotidiana. O autor revelou como a prática da extensão tem uma orientação muito parecida com a crença evolucionista dos tempos da chegada dos europeus às Américas. Os dotados de saber científico e detentores do progresso vão a longínquas terras salvar os povos inferiores de sua própria ignorância.

Entretanto, essa forma de pensar, ao menos dentro da academia, já não foi superada há muito tempo? Infelizmente, não. Para alguns acadêmicos, a extensão, como parte do tripé que compõe a universidade, é uma forma de iluminar a ignorância da comunidade externa, ensinando-a como viver da forma mais adequada. Adequada para quem e conforme quem?

Nossa resposta de pronto a essa pergunta provavelmente seria: “Adequada para a própria comunidade e sociedade no geral, conforme a ciência”. Partindo disso, acrescentamos mais uma pergunta: de qual ciência estamos falando? A cientista social australiana Raewyn Connell (2012) faz uma crítica ao modo de fazer ciência como uma perpetuação de um colonialismo, em que as periferias do mundo se adequam aos métodos e teorias da metrópole, buscando uma excelência acadêmica conforme os critérios estabelecidos por esses países.

Resumindo, na ideia de extensão tradicional, nós acadêmicos, os “detentores de conhecimento”, nos vemos no dever de iluminar a comunidade não-acadêmica (no singular, como se todos que não são universidade pudessem ser categorizados como uma coisa só) com nossos conhecimentos e técnicas advindos da ciência dignificada pela metrópole. Portanto, segundo essa linha de pensamento, é justificável que a maneira de viver e se relacionar de uma sociedade contemporânea camponesa latino-americana seja ditada pelas obras de autores europeus do século XIX.

O processo colonial se impõe através de grandes e diversas estruturas, em especial as de mercado, e, nesse ponto, sai de nossa alçada a possibilidade de fazer algo efetivo a curto prazo para impedir esse movimento. Na extensão tradicional o conhecimento científico (frequentemente eurocêntrico) se sobrepõe ao conhecimento empírico, busca homogeneizar as

culturas usando a ciência como pretexto para um preconceito acadêmico, que se revela em última instância um preconceito colonial. Numa prática da “educação como sentido de domesticação” (FREIRE, 1983, p. 15).

Partindo dessa premissa, nós, pesquisadores do Observatório de Conflitos Socioambientais, optamos por montar um projeto de extensão que se aproxime mais da ideia de uma troca entre diferentes sujeitos que gera conhecimento para ambos, dentro da proposta feita por Freire (1983) em substituir a extensão por comunicação. Nesse sentido, caminhamos no sentido de uma metodologia inspirada nos princípios da pesquisa-ação, sistematizada por Thiollent (1986), que a define como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Op. Cit., 1986, p. 14)

A comunicação só é possível a partir de uma relação de confiança que é construída na convivência entre os diferentes. Dessa maneira, em nossa primeira fase do projeto nos colocamos de forma mais colaborativa, dispostos antes de tudo a ouvir, participar das demandas dos mutirões. Como universitários criamos laços de solidariedade com os movimentos parceiros no projeto, e como organizadores auxiliamos a organização dos voluntários da extensão.

Ao abrir a participação para todos os alunos da UFPR, independente do curso, já criamos um encontro de diferentes pontos de vista dentro da universidade, antes de sair a campo. O projeto é organizado pelo grupo de pesquisa da área de Sociologia Rural e Ambiental, mas recebemos voluntários das Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Agronomia, Zootecnia, Geografia, Biologia, Pedagogia e Enfermagem, num total de 68 estudantes.

Esse encontro nos permitiu a troca de diferentes perspectivas acerca dos mesmos trabalhos, desde as ações práticas até as teóricas. Diferentes olhares nos permitiram ampliar o campo de visão e enxergar detalhes que de início passam despercebidos. Dessa maneira, podemos utilizar também a metodologia do paradigma indiciário de Ginzburg (1989) na análise das diferentes percepções dos alunos sobre um mesmo objeto. O principal objeto a ser analisado nesse artigo serão os relatórios produzidos pelos jovens após a participação nos mutirões.

Através do “paradigma indiciário” de Carlo Ginzburg (1989), investigamos um conjunto de sentidos da realidade, construído pelos pesquisadores e pesquisados. Dessa forma, pensamos esses documentos como indícios de uma realidade a ser compreendida, nos quais buscamos pistas e sinais que revelam a realidade da vida das comunidades do campo e sua relação com a Universidade. A forma da elaboração dos documentos é reveladora das predisposições ideológicas dos seus autores para a construção de um trabalho coletivo.

2. O MST E O COLETIVO MARMITAS DA TERRA

As ações do projeto de extensão Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental acontecem no Assentamento do Contestado, no município da Lapa (PR). A história do assentamento começa em fevereiro de 1999, quando 40 famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocuparam um terreno de arrendamento pertencente a Incepa, empresa de cerâmica. A empresa havia adquirido diversas dívidas com bancos e com a União, portanto a ocupação se deu como um apelo para se cumprir o que está previsto no Capítulo III da Constituição Federal quanto a função social da terra e a reforma agrária. Após alguns meses a terra ocupada foi destinada a reforma agrária, onde foram assentadas inicialmente 108 famílias e hoje são 160.⁴

O assentamento conta com uma estrutura organizada de moradia, plantio, criação de animais, cooperativa, uma Unidade Básica de Saúde, espaços de educação infantil, fundamental, ensino médio, por meio da Ciranda Infantil e ensino superior técnico, através da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), além de espaços grandes de socialização, como o centro cultural Casarão, refeitório coletivo e campo de futebol.

A criação dos espaços escolares se deu pela necessidade do acesso à educação pelas crianças das famílias assentadas. Como viviam na área rural, tinham dificuldade de acessar as escolas da cidade da Lapa. Já a ELAA foi fundada em 2005, oferece os cursos Tecnólogo em Agroecologia e Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza e Agroecologia e acolhe alunos da América Latina e Caribe.⁵

A proposta pedagógica da escola mescla teoria científica com saberes de origem popular, além de promover a troca de conhecimento entre povos de diferentes lugares da América Latina. Os alunos ainda estudam num regime de alternância, em que passam parte do curso em sua comunidade e outro na escola, o que permite viver a experiência prática de forma intensiva.

Em maio de 2020, militantes do MST criaram o coletivo Marmitas da Terra com o intuito de oferecer alimentação de qualidade a quem passava por insegurança alimentar na cidade de Curitiba (PR), situação agravada pela pandemia de covid-19. Às quartas-feiras voluntários se reuniam para produção e distribuição de marmitas preparadas com alimentos, em sua

⁴ FERNANDES, Valmir Neves e ROCHENBACH, Liane Maria. Assentamento Contestado completa 23 anos e cresce na construção da agroecologia. MST, 2022. Disponível em: < <https://mst.org.br/2022/02/08/assentamento-contestado-completa-23-anos-e-cresce-na-construcao-da-agroecologia/>>. Acesso em 26 jun. 2023.

⁵ ELAA. ELAA. Disponível em: < <https://elaa.redelivre.org.br/sobre/>> Acesso em 26 jun. 2023.

maioria, provenientes de hortas agroecológicas dos assentamentos do MST.⁶

A produção começou com uma média de 300 marmitas por semana, mas em alguns meses, com a vinda de novos voluntários e a percepção de uma demanda maior por alimentos, aumentou para 1100 refeições distribuídas a cada quarta-feira. O aumento na produção de marmitas despertou no coletivo a necessidade de uma horta própria para a ação solidária. Dessa maneira, em parceria com a Escola Latino-Americana de Agroecologia, o coletivo Marmitas da Terra iniciou o preparo e plantio da sua horta, utilizando-se de técnicas agroecológicas, dentro do Assentamento do Contestado. Os alimentos provenientes dessa horta além de servir para o preparo das refeições distribuídas pelo coletivo, também eram doadas a cozinhas comunitárias da periferia de Curitiba.

Os cuidados com essa nova horta eram feitos pelos voluntários das Marmitas da Terra. Dessa maneira, os trabalhos do coletivo se dividiam em dois: o preparo das marmitas às quartas-feiras e o manejo da horta aos sábados. Nos dias das atividades de cultivo os voluntários saem da capital paranaense às 6h30 da manhã em direção ao Assentamento do Contestado onde trabalham na horta do coletivo.

Com o fim da política de isolamento da pandemia de covid-19, os coordenadores do coletivo viram que a distribuição de marmitas se fazia menos necessária e, ao fim de 2022, encerram esse tipo de atividade. Eles mantiveram a horta, o apoio às cozinhas comunitárias e passaram a intensificar encontros de formação política dos militantes do coletivo.

A parceria feita para as Oficinas de Agroecologia e Sociologia Ambiental no Assentamento do Contestado se deu através do coletivo Marmitas da Terra. Fazemos nosso trabalho de campo na horta do coletivo, num trabalho que une a agroecologia à solidariedade, uma vez que os alimentos lá produzidos são destinados a cozinhas comunitárias.

3. AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA IDA A CAMPO

Após as idas a campo para trabalho coletivo em horta dentro do Assentamento do Contestado do MST, pedimos para que os voluntários fizessem relatórios sobre a experiência do dia de trabalho. Foram diversas as impressões, que categorizamos em seis: (1) percepções sensoriais; (2) sobre a relação rural-urbana; (3) sobre o trabalho; (4) de passado e futuro; (5) sobre o movimento social organizado ou coletividade; (6) sobre agroecologia e interdisciplinaridade.

A seguir esmiuçaremos cada uma delas com trechos dos relatórios enviados pelos alunos

⁶ AZEVEDO, Jade. Cozinhar é um ato político: ação Marmitas da Terra completa 1 ano em Curitiba. MST. Disponível em <<https://mst.org.br/2021/05/05/cozinhar-e-um-ato-politico-acao-marmitas-da-terra-completa-1-ano-em-curitiba/>>. Acesso em 26 jun. 2023

voluntários. Por se tratar de relatórios internos do projeto de extensão optamos por preservar a identidade dos alunos. Daqui em diante os identificaremos como AGn os alunos de graduação e APGn os alunos da pós-graduação.

PERCEPÇÕES SENSORIAIS

O contato com atividades da agricultura levou os voluntários a terem novas percepções sobre o próprio corpo. Um dos voluntários mencionou como a experiência no campo deixou nítida a percepção sobre as capacidades, potenciais e limites corporais. Há uma perspectiva poética ao se referir aos vestígios de terra após a participação em um mutirão.

O que a teoria delineia como um sonho lúcido, uma impressão clara de quem acorda e está certo sobre o real, a prática corporifica materialmente. Após o trabalho – plantio, colheita e limpeza – o dia parece ensinar: aqui estão os seus joelhos, estes são os tamanhos dos seus braços, há um espaço entre a carne e a unha em que a terra pode se deitar para descansar. (relatório interno, AG1)

Em testemunhos orais coletamos comentários sobre a importância de “colocar a mão na terra”. Essa relação está exemplificada na imagem a seguir, em que as mãos de um dos voluntários aparecem em contato direto com a terra e com a palha que cobre sua superfície, no trabalho de plantação de mudas:

Figura 1 - Mãos de voluntário em contato com a terra



Fonte: Laynara Almeida, 2023.

Os alunos puderam redescobrir o corpo como instrumento de trabalho, ou descobri-lo como instrumento de um novo tipo de trabalho:

Enquanto trabalhávamos, conversamos e rimos sobre assuntos diversos. Foi possível sentir o corpo vivo, com músculos doendo e se esforçando, com o suor daquele

momento, foi como revisitar uma consciência corporal há muito tempo não sentida nos movimentos da minha vida cotidiana. (relatório interno, AG2)

As formas de usar o corpo, designadas por Marcel Mauss (2003) de “técnicas corporais” são formadas pelo meio social em que vivemos, através da cultura e tradição. O desenvolvimento de novas técnicas permite a expansão da consciência não apenas sobre o próprio corpo, mas sobre outras tradições que perpassam a materialidade corporal e dizem respeito também às esferas social, psicológica e de relação com o ambiente.

A compreensão do corpo, de seus limites e capacidades durante o trabalho realizado em campo fornece pistas da relação corpo-mente a partir das diferenças existentes entre o ambiente rural e urbano. A sensação física do cansaço, por exemplo, tira o indivíduo de seu lugar-comum e traz reflexões sobre como o corpo pode ser utilizado para além do conhecido.

O trabalho é visto, então, como uma possibilidade de estranhar-se para então familiarizar-se no outro. Essa visão é relatada por um dos voluntários que disse compreender como a experiência no campo parece ser cotidiana, mesmo que não seja, e percebe, assim, a imposição de formas de viver:

Como nas tarefas do plantar, percebi que tais movimentos só parecem cotidianos, mas não o são. Contrapor o sistema de mercado em que tudo se cobra, tudo se vende, em que a terra é um “ativo financeiro”, como ando lendo, e não mais um bem comum e acessível para todo ser vivo, não é banal. É admirável o movimento de pessoas que sustenta através de ações pontuais ou contínuas, individuais ou coletivas, este contraponto. Vendo-me sacolejar no ônibus da volta, senti aquela impressão, por vezes clichê, de que existem formas impostas de viver no mundo, mas também que estão vivas – e trabalhando – as potências de oposição. (relatório interno, APG1)

PERCEPÇÕES SOBRE A RELAÇÃO RURAL-URBANA

Uma percepção comum a muitos voluntários foi a sensação de conexão com a natureza e a produção de alimentos, e a partir disso perceberam a alienação que vivem na área urbana em relação a esses quesitos.

Segundo Marx (2009), a relação entre o ser humano e a natureza é distorcida no capitalismo, principalmente no processo de subordinação do campo à cidade, o que seria pelo autor caracterizado como uma das primeiras formas de alienação. Ele afirma que, em vez de o trabalho ser uma atividade que permite ao indivíduo se relacionar de forma harmoniosa e criativa com a natureza, ele se torna uma atividade exploradora e destrutiva, na qual a natureza é vista apenas como uma fonte de recursos a serem explorados em busca do lucro. Retira o sentido de inventividade transformadora do mundo à imagem de seu criador da prática laboral que é exclusiva da espécie humana e a transforma em obrigação de subsistência dentro da ordem socioeconômica vigente.

Os alunos voluntários relataram que no trabalho coletivo na horta fora da área urbana

puderam expandir a ideia de relação campo-cidade e enxergar a possibilidade de uma indissociabilidade. Mais do que aprender na prática técnicas de plantio, adubagem e poda, enxergaram nos assentados uma outra forma possível de viver e se relacionar com a terra, e, a partir disso, passaram a ver a si mesmos e suas relações com o mundo de forma diferente. Um dos voluntários, por exemplo, apontou que a solidão e o isolamento que sentia na cidade foi aos poucos se transformando em sentimento de comunhão e pertencimento:

Foi uma sensação agradável preparar a terra, apesar do cansaço da primeira vez e certo arrependimento de não ter ido de calça. As sensações de isolamento e solidão foram comigo, assim como ímpeto de transformação, pessoal e comunitária. Ao longo do dia passei a ficar mais tranquilo; é um ambiente propício à sensação de comunhão, longe da correria, do estresse da cidade, obedecendo e respeitando apenas o tempo da natureza. [...] (relatório interno, AG3)

Outro estudante, mesmo já possuindo contato com a realidade rural, observou o desconhecimento a respeito do trabalho do MST que busca novas formas de se relacionar com a terra:

O próprio distanciamento entre o campo e a cidade, leva a um estranhamento ou até desconhecimento sobre a realidade rural. Ainda que eu tenha tido uma pequena experiência na universidade sobre agroecologia e tenha vivenciado o trabalho manual rural durante a graduação de zootecnia, foi a primeira vez que tive a experiência de conhecer a realidade de um movimento que está ativamente por trás da luta pelo fim do tecnicismo e de uma nova proposta de desenvolvimento rural [...]. (relatório interno, AG4)

Outros relatos, também sobre a relação com a natureza, especificamente com os animais, se destacou:

Segui para catar o feno e me deparei com uma situação no mínimo inusitada, uma menina que cresceu em um assentamento, quando foi pegar o feno espantou uma aranha do tamanho da sua mão como quem espanta um gatinho fofo. Aquilo para mim foi tão bonito, ver a sintonia que o ser humano pode ter com a natureza e com qualquer animal que nela seja vivo é algo lindo e que se é perdido na vida na cidade. [...] relatório interno, AG5)

Entre os sentimentos acionados destacamos a crítica ao preconceito de que o mundo rural é um local de isolamento e solidão; a possibilidade de descobrir que as técnicas também são formas políticas de se relacionar com a natureza; e como o distanciamento da vida rural e da prática agrícola faz emergir medos e mitos em relação à própria natureza.

PERCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO

O trabalho relacionado principalmente com o plantio e colheita nos canteiros do Assentamento, mas também nos diferentes setores como na cozinha e no cuidado dos animais se mostrou presente nos relatos dos voluntários. O trabalho manual foi pontuado como uma experiência desconhecida ou pouco explorada, conectando-se também com as percepções

sensoriais abordadas anteriormente, como podemos observar no relato a seguir:

Na hora, remexendo no canteiro, [...], lembro de ter pensado: “nossa, e ainda é de manhã!”. No momento, não sei qual é a rotina de trabalho dentro do Assentamento, mas penso que seja bem mais puxada, principalmente pelo tamanho/produção do lugar, não se limitando em apenas um turno do dia. O que a gente fez não deve contemplar nem a metade do serviço e o que tornou essa percepção mais palpável foi, com certeza, a experiência de estar ali, porque, até então, era tudo produto da visão de terceiros. (relatório interno, AG6)

Na Figura 2, os voluntários do projeto realizam o plantio de mudas nos canteiros anteriormente preparados. Esse processo envolveu a divisão de tarefas, como o preparo da terra, adubagem, coleta de palha e despejo nos canteiros e abertura de buracos que finalmente receberiam as diferentes mudas.

Figura 2 - Voluntários realizando plantio de mudas



Fonte: Rodolfo Lobato, 2023.

Um dos estudantes também comentou, a partir da conversa com um morador, sobre a divisão de tarefas dentro do assentamento:

[...] tive a oportunidade de conversar com uma pessoa que mora no assentamento [...], ela comentou sobre a rotatividade das atividades em que cada semana as pessoas são responsáveis por setores diferentes, entre eles, o cuidado com os animais, roça, cozinha e entre outros [...]. (relatório interno, AG7)

Os alunos despertaram dentro de si a possibilidade de ver em seu trabalho uma finalidade visível, palpável e de curto prazo de produção de alimentos numa lógica coletiva,

não só de trabalho, mas de provisão de um item básico de sobrevivência. Além disso, experienciaram a transformação, inclusive estética, da natureza, através dos seus esforços como relatou o estudante a seguir:

[...] tudo sobre a colheita trouxe uma experiência estética em que foi possível vivenciar uma realidade mais plena e mais significativa. [...] Foi possível sentir o corpo vivo, com músculos doendo e se esforçando, com o suor daquele momento, foi como revisitar uma consciência corporal há muito tempo não sentida nos movimentos da minha vida cotidiana. (relatório interno, AG8)

PERCEPÇÕES TEMPORAIS

Alguns voluntários demonstraram em seus relatos reflexões sobre seu passado, ou origem familiar camponesa:

Toda essa experiência me causou uma sensação de nostalgia, já que cresci no interior de Santa Catarina, com contato com a área rural, em que minha família participava ativamente do cultivo. Logo, estar nesse ambiente me fez lembrar dos momentos em que passei com meus pais e meus avós quando eu era criança, me fazendo repensar, também, a saudade dessa relação direta com a natureza, que é mais superficial no dia a dia de cidade grande. (relatório interno, AG9)

Isso pode nos levar a pensar também a agroecologia e o contato com o meio rural como um resgate de memórias daqueles que tem origem familiar na área rural e se deslocaram para viver na área urbana. O manejo da terra permite que se suscite, através da experiência sensorial, memórias de uma prática camponesa baseada no conhecimento tradicional.

A percepção de tempo não se dá apenas com relação ao passado, mas também ao que está por vir, ou até, podemos dizer, à construção de novas utopias. O contato com outras formas de trabalhar e viver abre a possibilidade de vislumbrar outras opções de futuro, como relata o voluntário:

O assentamento me atrai cada vez mais, a ponto de eu sentir vontade de morar, lecionar e lutar por um algum dia. Desejo uma vida tranquila, assim como a coragem de me sentir plenamente humano. Penso que o que é considerado clichê realmente possui verdades fundamentais. (relatório interno, AG3)

PERCEPÇÕES SOBRE O MOVIMENTO SOCIAL ORGANIZADO / COLETIVIDADE

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) organiza-se em busca da Reforma Agrária e de um Projeto Popular para o Brasil. Após o assentamento a organização das famílias permanece como indispensável para a luta por seus direitos básicos como saneamento, energia elétrica, acesso à cultura e lazer. Há para isso uma estrutura participativa democrática para a tomada de decisões e a divisão das famílias em núcleos.

Essa luta organizada em busca de um bem comum fica nítida nos relatos dos

participantes. O senso de coletividade no campo entra em atrito com o individualismo presente na cidade, visão que foi relatada pelo estudante:

O que posso dizer que mais me chamou a atenção em toda essa experiência foi o senso de comunidade que existe lá, não somente com as pessoas que já estão habituadas lá mas mesmo com pessoas novatas como nós acabamos nos sentindo parte do ambiente através desse contato com a natureza e com o trabalho como meio de subsistência e de conhecimento. Entendo que em uma sociedade tão individualista, esses pequenos momentos são de grande relevância. (relatório interno, AG11)

O trabalho que antes se mostrou na relação com o corpo agora também surge como um ato político. A separação de tarefas, a horizontalidade e o plantio e colheita como forma de subverter lógicas capitalistas de exploração fortalecem uma nova percepção de si como pertencente à comunidade e, por isso, capaz de fazer mudanças como pode ser observado no relato a seguir:

Colocar a mão na terra, nas plantas, nos sujar de barro e seiva, nos conecta ao trabalho que existe por trás de algo que fazemos todos os dias: nos alimentar [...]. E trabalhar a terra de forma compartilhada é ainda melhor. Fortalece o senso de comunidade e de trabalho coletivo [...]. É sair da nossa lógica individualista urbana em que todo trabalho deve ter sentido financeiro. É subverter valores estabelecidos. É questionar a forma como vivemos, mas com esperança na construção de uma nova forma de nos relacionar com a sociedade, com o trabalho e com a natureza. (relatório interno, AG10).

A sensação de coletividade se estabelece na reunião dos voluntários e trabalhadores do assentamento e na divisão de responsabilidades em diferentes grupos. Na Figura 3, os estudantes recebem as informações de como será organizado esse trabalho.

Figura 3 - Voluntários e trabalhadores rurais reunidos



Fonte: Giovanna Almeida, 2023.

Há também uma transformação na percepção em relação ao MST e ao trabalho no campo, uma quebra com o imaginário construído pelo senso comum, observado nos seguintes relatos:

Lá no Assentamento me surpreendi no bom sentido, porque não tinha ideia do tamanho da organização e da forma em que eles se estruturam, achava que era bem mais simples e menor, como algo amador mesmo, mas não, lá é enorme, com posto de saúde, escola, faculdade, bar, depósito de grãos (eu acho). [...] (relatório interno, AG12)

Com todo preconceito colocado em volta do MST, seria necessário que todo mundo pelo menos uma vez na vida participasse desses mutirões. É impossível estar vendo toda a beleza no movimento e não mudar de perspectiva não só sobre o MST, mas sobre sua própria vida e dar valor para coisas pequenas como a oportunidade de plantar e colher seu próprio sustento. (relatório interno, AG13)

Importante destacar a dificuldade de superação de um conjunto de preconceitos contra o movimento social organizado. Em ações de campo, três estudantes relataram que precisaram “omitir” o destino, ou seja, o Assentamento do Contestado, organizado pelo MST. Isso ocorreu por conta de possíveis negativas familiares quanto à ida.

PERCEPÇÕES SOBRE A AGROECOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE

A agroecologia é uma disciplina de intersecção. Ela abarca teoria, prática e movimento social⁷. Na teoria, intersecciona conhecimento acadêmico de diversas áreas da ciência (como ecologia, agronomia, sociologia e economia) com saberes camponeses. Na prática, junta uma diversidade de espécies de plantas e animais na construção de um ambiente simbiótico e harmônico.

Interdisciplinaridade é uma abordagem que busca integrar diferentes áreas do conhecimento para compreender um determinado fenômeno ou problema de forma mais completa e profunda. Ela parte do pressuposto de que a realidade é complexa e multifacetada, e que nenhuma disciplina isolada é capaz de dar conta de todos os aspectos de um tema ou questão. Assim, a interdisciplinaridade propõe a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento, a fim de ampliar a compreensão e encontrar soluções mais efetivas para os desafios da sociedade (CARLOS; ZIMMERMANN, 2017).

Durante o trabalho de campo os alunos puderam observar na prática o diálogo interdisciplinar da agroecologia: “Foi possível compreender a agricultura como processo ecológico e também social” (relatório interno, AG14); “foi interessante conhecer um sistema de plantio agroflorestal que promove e não suprime a diversidade, com distintas espécies vegetais

⁷ AGROECOLOGY & Family Farming. **Food and Agriculture Organization of the United Nations:** Family Farming Knowledge Platform. Disponível em: < <https://www.fao.org/family-farming/themes/agroecology/en/>>. Acesso em 14 jun. 2023.

e animais, e sobretudo com diferentes cultivares" (relatório interno, AG15).

Essa característica se estende às relações formadas no trabalho de campo do projeto, onde pessoas oriundas de grupos sociais diferentes têm a oportunidade de conviver, aprender uns com os outros e construir um ambiente de cooperação. Um dos voluntários comenta como essa troca de experiências foi importante para construir o aprendizado e a vivência no campo:

O fato de os participantes serem de cursos diferentes, participantes de projetos distintos, com diferentes níveis de conhecimento sobre agroecologia e sobre o assentamento faz perceber a relevância desse tipo de atividade, pois possibilita o aprendizado, a troca de experiências e desmistificação de algumas ideias que não se restringem ao momento da atividade em si, mas que poderão se propagar nos círculos de cada um dos que comparecem. (relatório interno, AG16)

A horizontalidade é mencionada novamente como um fator importante para a pedagogia na terra e como a troca de saberes teve papel nesse processo:

[...] ocorreu a distribuição das tarefas, onde foi dada a oportunidade de os militantes mais antigos mostrarem aos mais novos como e onde realizar diferentes atividades, o que já é um processo pedagógico que novamente nos traz essa horizontalidade que muito se vê na ecologia social. [...] Soma-se aí o fato das variadas profissões e cursos de cada pessoa, que pode contribuir de diversas formas para as vivências e posteriormente estudos. (relatório interno, AG17)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta primeira fase nos fica evidente uma experiência de uma “extensão” do conhecimento camponês que chega aos alunos voluntários e não da universidade para o campo, ao mesmo tempo que esse não é um conhecimento que simplesmente se transfere, mas que se desenvolve e ramifica em outros aprendizados de acordo com as vivências e experiências próprias dos alunos.

Segundo Freire (1983) “o homem não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo” (p. 17). Para o autor, o conhecimento se faz à medida que quem aprende se relaciona com o conteúdo aprendido, o relaciona com sua vivência e dele faz uso para transformar sua realidade.

A experiência dos voluntários no assentamento possibilitou o início desse diálogo entre assentados e universitários na construção de aprendizados multilaterais que mesclam experiências, saberes e práticas, que geram novas experiências, saberes e práticas que se alastram pelo campo, cidade e universidade dentro de novos encontros e diálogos dentro da realidade social de cada participante.

REFERÊNCIAS

AGROECOLOGY & Family Farming. **Food and Agriculture Organization of the United**

Nations: Family Farming Knowledge Platform. Disponível em: <<https://www.fao.org/family-farming/themes/agroecology/en/>>. Acesso em 14 jun. 2023.

AZEVEDO, Jade. Cozinhar é um ato político: ação Marmitas da Terra completa 1 ano em Curitiba. **MST**, 2021. Disponível em <<https://mst.org.br/2021/05/05/cozinhar-e-um-ato-politico-acao-marmitas-da-terra-completa-1-ano-em-curitiba/>>. Acesso em 26 jun. 2023

CARLOS, Jairo Gonçalves; ZIMMERMANN, Erika. **Texto de Apoio para Professores que Atuam na Interdisciplinaridade**. In: Boletim das Produções Técnicas do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília – BOLETIM PPGEC-UnB (online) em 2017. – Brasília: UnB: PPGEC, 2017. Disponível em: <<http://ppgec.unb.br/wp-content/uploads/boletins/volume2/PPGEC-Volume2.pdf>> Acesso em: 29 jun. 2023.

CONNELL, R. “**A iminente revolução na teoria social**”. In: RBCS, n 27, v 80, out 2012.

ELAA. **ELAA**. Disponível em: <<https://elaa.redelivre.org.br/sobre/>> Acesso em 26 jun. 2023.

FERNANDES, Valmir Neves; ROCHENBACH, Liane Maria. Assentamento Contestado completa 23 anos e cresce na construção da agroecologia. **MST**, 2022. Disponível em: <<https://mst.org.br/2022/02/08/assentamento-contestado-completa-23-anos-e-cresce-na-construcao-da-agroecologia/>>. Acesso em 26 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GINZBURG, Carlo. SINAIS: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2009.

MAUSS, Marcel. “**As técnicas corporais**”. In: Antropologia e sociologia. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1986.